



Revista Brasileira em Promoção da Saúde

ISSN: 1806-1222

rbps@unifor.br

Universidade de Fortaleza

Brasil

Lira de Amorim, Valdicleibe; Cunha Vieira, Neiva Francenely; Leite Meirelles Monteiro, Estela Maria;

Mendonça Sherlock, Maria do Socorro; Teixeira Barroso, Maria Graziela

Práticas educativas desenvolvidas por enfermeiros na promoção à saúde do adolescente

Revista Brasileira em Promoção da Saúde, vol. 19, núm. 4, 2006, pp. 240-246

Universidade de Fortaleza

Fortaleza-Ceará, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40819409>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PRÁTICAS EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS POR ENFERMEIROS NA PROMOÇÃO À SAÚDE DO ADOLESCENTE

Education practices developed by nurses in adolescent health promotion

Artigo de revisão

RESUMO

A adolescência traduz-se pelo desenvolvimento biopsicossocial, delimitada pela faixa entre 10 e 19 anos que, em geral, se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica. Os adolescentes possuem necessidades em saúde que são geradas no âmbito da sociedade, definindo-se e transformando-se a partir da interação com seus diversos componentes econômicos, institucionais, políticos, éticos, culturais e físico-ambientais. Esse estudo teve como objetivo analisar, as práticas educativas direcionadas à promoção de saúde de adolescentes, por meio de estudo documental de trabalhos publicados no período de 1999 a 2005, em periódicos de enfermagem, com ênfase em estudos empíricos e relatos de experiência envolvendo formação de grupos, e identificar os principais procedimentos teóricos e metodológicos nas ações educativas adotadas nestes estudos. Os resultados revelaram que apenas seis artigos, nos quais os enfermeiros afirmaram fundamentar suas práticas educativas com adolescentes em referenciais teóricos, valorizaram a participação ativa dos adolescentes, a reflexão crítica, a criatividade e saberes formais e não formais, visando atingir transformação em suas relações. Dessa forma, inferimos que existe um número muito restrito de publicações sobre o tema, considerando a elevada vulnerabilidade e dependência deste grupo etário quanto a sua sexualidade e exposição à situação de conflito.

Descriptores: Enfermagem; Promoção da Saúde; Adolescente.

ABSTRACT

Adolescence is expressed by biopsychosocial development, delimited by the age group of 10 to 19 years old that, in general, initiates with corporal changes of puberty and finishes with social, professional and economic insertion. The adolescents possess health necessities that are produced in the scope of the society, defining and changing themselves from the interaction with its several economic, institutional, political, ethical, cultural and physical ambient components. This study had as its objective to analyze the education practices aimed at adolescent health promotion, by means of documental research in nursing publications, in the period of 1999 to 2005, emphasizing empirical studies and experience reports involving group formation; and to identify the main theoretical and methodological procedures in education actions adopted in these studies. The results disclosed that only six articles, in which the nurses had affirmed to base their education practice with adolescents on theoretic referential, had valued the active participation of the adolescents, the critical reflection, the creativity and formal and not formal knowledge aiming at reaching transformation in their relations. Thus, we infer that there is a restrict number of publications on the subject, considering the high vulnerability and dependence of this age group regarding its sexuality and exposure to conflict situations.

Descriptors: Nursing; Health Promotion; Adolescent.

Valdicleibe Lira de Amorim⁽¹⁾

Neiva Francenely Cunha Vieira⁽²⁾

Estela Maria Leite Meirelles

Monteiro⁽³⁾

Maria do Socorro Mendonça

Sherlock⁽⁴⁾

Maria Grasiela Teixeira

Barroso⁽⁵⁾

1) Acadêmica de Enfermagem do 9º semestre DENF/FFOE/UFC. Bolsista PIBIC/CNPq.

2) Enfermeira, Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/DENF/FFOE/UFC. PhD pela Universidade de Bristol (Inglaterra).

3) Enfermeira do HUOC-PE, Profª da FENSG da Universidade de Pernambuco, Bolsista PQI/CAPES.

4) Enfermeira, Professora Adjunta do Programa de pós-graduação latu sensu DENF/FFOE/UFC.

5) Enfermeira, Doutora., Coordenadora do Projeto de Pesquisa Educação em Saúde no Contexto da Promoção Humana - CNPq. Protocolo 551326/2002/6.

Recebido em: 23/04/2006

Revisado em: 23/06/2006

Aceito em: 08/08/2006

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é uma etapa evolutiva caracterizada pelo desenvolvimento biopsicossocial, delimitada pela faixa etária de 10 a 19 anos que, em geral, se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica⁽¹⁾.

A vida adolescente e as suas necessidades em saúde são geradas no âmbito da sociedade, definindo-se e transformando-se a partir da interação com seus diversos componentes econômicos, institucionais, político-éticos, culturais e físcico-ambientais⁽²⁾.

Países em desenvolvimento, há cerca de quatro décadas, vêm reconhecendo a importância demográfica da faixa adolescente, que representa aproximadamente 25% da população geral, e tem seus principais riscos à saúde e causas de morbimortalidade relacionados ao meio ambiente, com destaque para as consequências da violência⁽¹⁾.

Desse modo, as situações de violência as quais estão expostas essas camadas da população desvela um ciclo de exclusão, demarcada pela pobreza, educação precária, falta de perspectiva de futuro⁽³⁾. O uso de substâncias psicoativas, considerando as drogas lícitas e ilícitas, encontra-se intimamente vinculado a todas as formas de violência⁽⁴⁾.

No Brasil, segundo censo demográfico 2000, a proporção de indivíduos pertencentes à faixa etária de 10 a 19 anos corresponde a 21% da nossa população. Desses, por ano, cerca de 26 mil jovens perdem a vida em acidentes, suicídio, violência, doenças relacionadas à gravidez e a outros males que, na sua maioria, poderiam ser prevenidos ou tratados, dentre os quais se inserem as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). A OMS afirma que a capacidade reprodutiva desses adolescentes tem iniciado mais cedo, com uma maior exposição à gravidez na adolescência, aquela que ocorre antes dos 15 anos. A responsabilidade social, no entanto, ocorre cada vez mais tarde e acaba não caminhando no mesmo ritmo que a maturidade sexual, além do fato de que uma grande parcela desses adolescentes tornam-se sexualmente ativos antes dos 20 anos⁽⁵⁾.

Uma pesquisa realizada com jovens de classe social baixa revelou que esses afirmam conversar mais com os amigos sobre sexualidade e reprodução, mesmo que os amigos não lhes proporcionem qualquer tipo de orientação sexual. Essa pesquisa expressa ainda que os adolescentes de classe média alta costumam discutir mais sobre sua sexualidade do que os de classe social mais baixa⁽⁶⁾. Muitos não sabem dizer “não” ao sexo indesejado ou negociar a prática do sexo seguro. Por outro lado, alguns pais e adultos parecem acreditar que, negando aos jovens informações sobre sexualidade e contracepção, estarão evitando o início precoce da vida sexual.

A educação por parte dos pais, no âmbito da orientação sexual, das DST e da gravidez precoce, é muito prejudicada, pois estes foram educados num ambiente de repressão às suas manifestações sexuais, gerando conflitos neles próprios e no seu relacionamento com os filhos. É verdade que essa situação vem se modificando, algumas famílias são bem abertas ao diálogo com os filhos sobre esse assunto, porém existem ainda muitas crenças e tabus a serem rompidos. É difícil dialogar sobre questões sexuais se eles, os pais, não vivenciaram essa experiência. E mesmo quando tentam algum tipo de aproximação, muitas vezes baseam-se no parâmetro certo ou errado, o que não torna o diálogo eficaz, deixando de ser uma orientação para ser uma imposição.

A sexualidade na adolescência deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protelem sua iniciação sexual, tenham responsabilidade, auto-estima e pratiquem sexo com segurança.

Para tanto, torna-se essencial, respeitando os valores culturais de cada indivíduo, construir um elo de amizade com esses adolescentes no intuito de orientá-los da melhor maneira possível. Diante de diversas culturas existentes entre os adolescentes, por conta do ambiente em que vivem recomenda-se:

...falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção; (...) cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidades, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo^(7,27).

Os adolescentes não constituem um grupo homogêneo, mas sim um conjunto de individualidades⁽⁸⁾. Deve existir um conhecimento aprofundado sobre o assunto e certa criatividade na interação com esses, pois, assim, pode ser possível atingir um maior número deles em um dado momento de educação sexual, quer seja na escola, quer seja com os pais dentro de casa.

As ações de educação em saúde são estratégias eficazes para estimular o debate sobre temas de interesse dos adolescentes, considerando o contexto cultural no qual estão inseridos, podendo essa ações serem definidas como qualquer atividade, envolvendo o processo de aprendizagem, desenhada para alcançar saúde⁽⁹⁾. São geralmente desenvolvidas através de aconselhamento interpessoal, em locais como consultórios, escolas etc., assim como impessoalmente, através da comunicação de massas, utilizando-se a mídia. Esses mecanismos podem contribuir efetivamente para acrescentar conhecimentos, atitudes e

habilidades relacionadas com comportamentos ligados à saúde⁽¹⁰⁾. Diante da relevância sócioeducativa do tema Promoção/Educação em saúde na adolescência, este estudo busca conhecer as práticas educativas dos enfermeiros em relação aos adolescentes, a partir das publicações científicas no âmbito da enfermagem.

Portanto, a investigação se justifica por razões de ordem intelectual e prática, pois tanto contribuirá para um conhecimento mais amplo e objetivo do que vem sendo publicado sobre o tópico adolescência, quanto proporcionará uma reflexão e uma análise crítica da intervenção do enfermeiro frente aos agravos à saúde nesta faixa etária, assumindo atividades de promoção à saúde através de estratégias educativas, bem como pelo fato de não conhecermos nenhum artigo desenvolvido nessa temática, contribuindo para uma avaliação futura sobre o número de artigos relacionados com esse tema, se foi ampliada ou não e qual a qualidade desses trabalhos.

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivos: examinar as publicações nos principais periódicos de enfermagem em circulação, no período de 1999 a 2005, com base em resultados de estudos empíricos e relatos de experiência das ações de enfermagem em relação ao tema “Promoção da Saúde dos Adolescentes”, envolvendo a formação de grupos; e identificar os principais procedimentos teóricos e metodológicos nas ações educativas adotadas nestes estudos e relatos de experiência.

MÉTODOS

O método de pesquisa utilizado é o de estudo bibliográfico da produção científica da enfermagem. Esse método compreende a leitura, a seleção, o fichamento e o arquivo dos tópicos de interesse para a pesquisa em pauta, com vistas a conhecer as contribuições científicas que se efetuaram sobre determinado assunto⁽¹¹⁾.

Para compor o acervo de trabalhos analisados, procedeu-se a um levantamento junto às principais revistas/periódicos de enfermagem dos últimos sete anos, compreendendo o período de 1999 a 2005, buscando assim uma gama representativa das publicações nessa área e que estivessem disponível na biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Ceará e/ou através das bases de dados: LILACS e SCIELO. Os artigos selecionados foram apenas aqueles com a divulgação em português.

Os periódicos foram selecionados de acordo com o Sistema de Classificação da CAPES (QUALIS), considerando a sua indexação, Nacional ou Internacional, e seu nível de classificação A, B e C. A indexação de periódicos científicos constitui indicador de qualidade do estudo e da dimensão de sua abrangência⁽¹²⁾.

Inicialmente, os periódicos foram analisados individualmente, e deles selecionamos os artigos de interesse do estudo. O critério de inclusão dos artigos no acervo analisado foi o de ter mencionado os seguintes descritores ou palavras-chaves: promoção de saúde do adolescente; educação em saúde do adolescente; adolescência, promoção da saúde; adolescência, educação em saúde. Em seguida, fez-se a seleção dos artigos a partir da leitura e registro das informações sobre os trabalhos desenvolvidos com/para os adolescentes, considerando as seguintes categorias/ enfoques dos procedimentos para as ações educativas em saúde: embasamento teórico para realização das atividades; estratégias educativas utilizadas durante as atividades; conteúdo abordado nos encontros; mobilização/participação dos adolescentes; local e avaliação do processo educativo.

Os dados levantados foram apresentados através de tabelas comparativas, pois proporcionam uma melhor compressão dos dados, quadros e/ou descritos e analisados à luz do referencial teórico sobre o tema.

RESULTADOS

Foram publicados 851 artigos entre o período de 1999 a 2005 nos periódicos de indexação Internacional B e C e Nacional B; as demais indexações não se encontravam disponíveis na biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Ceará. Desses, apenas 06 (seis) artigos tratavam da temática em questão, tendo sido assim selecionados para análise. Podemos observar que existe uma disparidade entre a quantidade de artigos publicados e o número de artigos científicos divulgados em periódicos de enfermagem relacionados às práticas educativas junto a grupos de adolescentes, deixando transparecer a baixa porcentagem destes, considerando a relevância do tema.

A partir dos dados levantados, emergem dois questionamentos: Será que os enfermeiros não estão sensibilizados ou não estão desenvolvendo ações que visem atender as necessidades desse grupo social com vistas à promoção da saúde?; Será que os enfermeiros que desenvolvem atividades junto ao grupo de adolescentes não despertaram para a necessidade de contribuir com as suas experiências para a comunidade científica?

Ao fazer referência de sua vivência profissional, Silva 2002⁽¹³⁾ afirma que muitas vezes ficou decepcionada com a falta de espaço para discutir os temas de atualização e pesquisas do campo do saber da enfermagem divulgadas na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEN). E que também encontrou enfermeiros que sequer tinham ciência deste periódico, a ponto dos mesmos considerarem a experiência como elemento suficiente no exercício profissional.

Com relação às fundamentações teóricas utilizadas como suporte para as práticas educativas, foi feita uma

pesquisa no intuito de conhecer um pouco sobre o autor em questão e suas teorias para uma melhor exposição. Essa exposição foi feita por autor e envolveu as estratégias utilizadas durante as oficinas e a avaliação da atividade educativa. Essa última só foi possível com os artigos que fizeram referência a esse procedimento.

Tabela I. Principais indicadores dos procedimentos educativos realizados pela enfermagem na promoção da saúde do adolescente.

Mobilização dos adolescentes para as atividades		Local			Conteúdo Programático		Teoria como suporte para prática educativa		
Sim	Não	Escola	Inst Religiosa	Inst de apoio	Corpo/ Sexualidade	Relações de Conflito	Freire	Winnicott	Schütz
5	1	3	1	2	5	1	4	1	1

fazendo com que o profissional de enfermagem encontrasse inúmeros obstáculos para o desenvolvimento de suas atividades. Entretanto, ao redirecionar os objetivos da atividade, embasando-se, através da literatura científica, em argumentos que trabalhassem com os obstáculos apresentados pelo grupo ao profissional, como a agressividade, é que se tornou possível a concretização do projeto.

Com relação ao local onde as atividades desse projeto ocorreram, temos a escola como o espaço predominantemente utilizado pelos profissionais. O espaço escolar é apontado como importante instrumento para implementação de informações sobre formas de evitar a gravidez e de se proteger de infecções sexualmente transmissíveis, chegando-se a ponto de afirmar que quanto menor o grau de escolaridade, maior o índice de gravidez entre adolescentes⁽¹⁵⁾.

Na apresentação dos conteúdos abordados durante as práticas educativas, predominou o enfoque sobre as questões de sexualidade⁽¹⁶⁻²⁰⁾, os quais foram trabalhados junto aos adolescentes, através do conhecimento do seu corpo e de suas transformações, da crise de identidade característica desse faixa etária, da atividade sexual, risco de gravidez e de contrair uma Doença Sexualmente Transmissível (DST) ou o Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV), dos métodos contraceptivos e da prática do sexo seguro.

As transformações ocorridas nessa fase da vida merecem ser valorizadas e adequadamente dimensionadas de acordo com o contexto específico e traduzidas com a participação de quem as vive. Os adolescentes requerem um amplo suporte do setor social via políticas, recursos e processos de trabalho intersetoriais, interdisciplinares e participativos, em que se disponibilize uma atenção integral, específica e apropriada ao cuidado de suas vidas, mediante

Percebemos, através das informações contidas no quadro 1, que somente em uma experiência⁽¹⁴⁾ a mobilização dos adolescentes não foi satisfatória, porém precisamos analisar o contexto em que foi realizada a atividade, o fato de ter envolvido crianças e adolescentes socialmente excluídos, que não vivenciaram um ambiente familiar adequadamente,

ações básicas encaminhadas em diferentes espaços, como a participação dos próprios adolescentes e das diversas áreas profissionais⁽²⁾.

Ressaltamos a importância do artigo científico⁽¹⁴⁾, cuja ação educativa trabalhou as relações de conflito junto aos adolescentes que demonstraram significativa agressividade. Esse trabalho⁽¹⁴⁾ é fruto da sensibilidade da profissional diante de um comportamento que desvela a vivência de uma situação de violência, bem como a sua perseverança em buscar a superação das dificuldades enfrentadas na mobilização e na conquista de uma interação de confiança junto a esses adolescentes.

As crianças e adolescentes apresentam uma maior vulnerabilidade e dependência, sendo freqüentemente vítimas de violência, pelas características inerentes ao próprio processo de adolescer, requerendo, portanto, uma maior atenção e compreensão. Isso nos remete ao entendimento de que o adolescente que possui a proteção da família, da comunidade e do Estado, apresenta uma probabilidade menor para a prática da violência, ao contrário daqueles que não têm suas necessidades econômicas, afetivas e espirituais supridas⁽²⁾.

Quanto às fundamentações teóricas identificadas nos estudos, inicialmente buscamos apresentar recortes importantes do pensamento de Winnicott, psicanalista que estuda o homem em relação com o seu meio. O acontecer humano sofre influência do ambiente, ressaltando que a integração e o amadurecimento do indivíduo estão condicionados à presença de pessoas significativas que facilitem o seu desenvolvimento⁽²¹⁾.

O processo de desenvolvimento emocional segundo o autor tem início antes do nascimento e prossegue por

toda a vida, até a morte (com sorte) de velhice. “A partir dessa base, podemos estudar as características do processo e os vários estágios em que existe perigo, seja proveniente do interior (instintos), seja do exterior (deficiência ambiental)”⁽²²⁻¹⁹⁶⁾. Embasado no pensamento de Winnicott, o(a) enfermeiro(a), ao identificar atitudes de agressividade entre os adolescentes do estudo, buscou construir um espaço em que estes pudessem reconhecer de forma simbólica os seus sentimentos negativos, utilizando como estratégia atividades lúdicas como: rasgar jornal, socar argila, estourar balões, e, a partir daí, serem estimulados a criarem algo, contribuindo, desse modo, para o seu desenvolvimento emocional, evidenciando potencialidades e possibilidades de interação significativas⁽¹⁴⁾.

Quanto à avaliação da atividade nesse trabalho⁽¹⁴⁾, foi identificada a necessidade de se trabalhar com grupos pequenos, de ampliar o período de duração da oficina para o alcance de mudanças efetivas, a importância de trabalhar a agressividade manifesta “de forma construtiva” através de atividades “lúdicas”. Entretanto a autora não revelou no estudo as conquistas qualitativas alcançadas pelas oito crianças que participaram integralmente.

Nos estudos⁽¹⁶⁻¹⁹⁾, que afirmaram respaldar suas práticas educativas na metodologia de Paulo Freire, identificamos em três⁽¹⁶⁻¹⁸⁾ algumas lacunas. Dentre elas, destacamos que um estudo⁽¹⁷⁾ não deixou clara a realização de um levantamento, junto ao grupo, dos seus conhecimentos prévios e de suas expectativas quanto à temática a ser trabalhada. A apropriação destes conhecimentos por parte do educador propicia a adequação do conteúdo às necessidades específicas do grupo, consolidando uma participação efetiva dos adolescentes, visto que estes devem constituir sujeitos no processo educativo⁽²³⁾.

Quanto às estratégias utilizadas, identificamos o emprego de uma variedade de técnicas, como oficinas, trabalhos em grupos, discussões em grande grupo, apreciação crítica de vídeos, exposição dialogada, dinâmicas grupais, expressões corporais e dramatizações. Observamos que as estratégias empregadas visam à participação, ao desenvolvimento da reflexão crítica e ao estímulo à criatividade e iniciativa, absorvendo suas vivências e potencializando seu crescimento de modo integral.

No tocante à avaliação da atividade educativa, em três estudos⁽¹⁶⁻¹⁸⁾ não foi evidenciado o desenvolvimento da auto-avaliação, de modo que o processo de avaliação restringiu-se a uma tendência tradicionalista que enfoca somente a visão do educador. A avaliação unidirecional constitui um instrumento de poder, que perpassa a postura de dominação por parte do educador, negando a dialogicidade como movimento para revisitar o processo ensino-aprendizagem, com vistas à obtenção de informações para retroalimentar

as ações educativas a partir de um crescimento compartilhado⁽²³⁾.

Na apreciação do estudo que se fundamentou na fenomenologia social de Alfred Schütz⁽²⁰⁾, para realização das ações educativas, procuramos inicialmente entender o pensamento do autor acima citado, que vislumbra o homem como uma pessoa livre; ser que vivencia concretamente relações interpessoais numa dada realidade social⁽²⁴⁾.

Alfred Schütz, fenomenólogo social, afirma que, para se chegar à intersubjetividade, deve-se partir da esfera da vida cotidiana, tipificando os fenômenos. Para o autor, a intersubjetividade faz parte do mundo social, e este é construído através da comunicação e ação intersubjetiva entre os sujeitos⁽²⁴⁾. Desse modo, as autoras trabalham não só com os adolescentes, mas também com os professores e os pais.

A partir das idéias de Schütz, o(a) enfermeiro(a) buscou encaminhar as discussões, sob o conhecimento prévio do grupo, a respeito de sexualidade e educação sexual no intuito de facilitar a formulação de conceitos e valores condizentes com o seu dia-a-dia e com sua maneira de ver o mundo para que possam tomar decisões e adotar comportamentos adequados à saúde⁽²⁰⁾.

As estratégias utilizadas nesse trabalho foram as oficinas de cunho educativo que, como já dito anteriormente, têm como objetivo propiciar a participação, a reflexão crítica, a criatividade e a iniciativa, contribuindo dessa forma para o crescimento do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do estudo propiciou uma apreciação de artigos científicos divulgados em periódicos com enfoque nas práticas educativas desenvolvidas por enfermeiros na promoção à saúde do adolescente. Foi evidenciado um número muito restrito de publicações sobre o tema, considerando a elevada vulnerabilidade e dependência deste grupo etário quanto a sua sexualidade e exposição à situação de conflito.

Vale destacar a preocupação dos enfermeiros em fundamentar suas atividades educativas em referenciais teóricos que seguem uma linha metodológica progressista, que valoriza a participação ativa dos adolescentes, a reflexão crítica, a criatividade e valoriza saberes formais e não formais, visando atingir transformação em suas relações, proporcionando uma ação educativa voltada para a formação de indivíduos pensantes.

Para tanto foi identificado o emprego da metodologia problematizadora do pedagogo Paulo Freire, da valorização da comunicação e ação intersubjetiva entre os sujeitos segundo o fenomenólogo social Alfred Schütz, e de

entendimento do homem em relação com o seu meio, com base no psicanalista Winnicott.

Percebemos algumas lacunas durante o desenvolvimento das atividades, as quais foram apresentadas nos resultados, como a avaliação da atividade educativa que possui relação com a escolha da fundamentação teórica utilizada como suporte, revelando a necessidade de um maior aprimoramento na fase de elaboração da oficina, no intuito de tornar as ações mais eficazes, principalmente no que se refere à avaliação das práticas educativas.

Visando motivar o grupo, foi descrita apropriação de linguagens diversificadas para estabelecer um processo de interação educandos-educadores, através do uso de técnicas de: dramatizações, apreciação crítica de vídeos, construções de atividades lúdicas, dinâmicas grupais, exposição dialogadas, entre outras. “A ação educativa, nesta perspectiva, contribui para a formação de sujeitos éticos e cidadãos e para a transformação da sociedade na busca de um mundo mais justo, solidário e humano”^(25:44).

REFERÊNCIAS

1. Silber TJ, Munist MN, Maddaleno M, Ojeda ENS apud Formigli VLA, Costa COM, Porto LA. Avaliação de um serviço de atenção integral à saúde do adolescente. *Cad Saúde Pública* 2000; 16(3):831-41.
2. Associação Brasileira de Enfermagem. Adolescentes: compreender, atuar, acolher: Projeto Acolher. Brasília: ABEn; 2001.
3. Ministério da Saúde(BR). Programa de saúde do adolescente: bases programáticas (PROSAD). 2^aed. Brasília, 1996.
4. Albernaz ALG, Passos SRL. Uso de substâncias psicoativas. In: Coutinho MFG, Barros RR. Adolescência: uma abordagem prática. São Paulo: Atheneu; 2001.
5. Ministério da Saúde (BR). Adolescência. Brasília, 2003.
6. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Brasil. Pesquisas. Brasília, 2003.
7. Foucault M. *Historia da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal; 1997.
8. Ayres JRCM, França Júnior I. Saúde do adolescente. In: Schraiber LB, Nemes MIB, Gonçalves RBM, organizadores. Saúde do adulto. Programas e Ações na Unidade Básica. São Paulo: Hucitec; 1996. p.66-85.
9. Tones K, Tilford S apud Buss PM. Promoção e educação em saúde no âmbito da Escola de Governo em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública. *Cad Saúde Pública* 1999; 15(2):177-85.
10. Buss PM. Promoção e educação em saúde no âmbito da Escola de Governo em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública. *Cad Saúde Pública* 1999; 15(2):177-85.
11. Ruiz JA. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas; 1993.
12. Pagliuca LMF, Gutierrez MGR, Erdmann AL, Leite JL, Almeida MCP; Kurcugant P. Critérios para classificar periódicos científicos de Enfermagem. *Acta Paul Enferm* 2001; 14(3):9-17.
13. Silva O. Ah! Se todos fossem iguais a você aos 70 anos. *Rev Bras Enferm* 2002; 55(3):245-8.
14. Rodrigues, MFS. Oficina criativa: abordagem psicodinâmica com crianças e adolescentes. *Rev Texto Contexto de Enferm* 1999; 8(2):373-6.
15. Altmann H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Rev Estud Fem* 2001; 9(2):575-85.
16. Hoga LAK, Abe CT. Relato de experiência sobre o processo educativo para a promoção da saúde de adolescentes. *Rev Esc Enf USP* 2000; 34(4):407-12.
17. Martini JG, Gregis C, Jardim L. Gravidez na adolescência: da prática disciplinadora a pedagogia libertadora. *Rev Bras Enferm* 1999; 52(4):539-46.
18. Brétas JRS, Silva CV. Interesse de escolares e adolescentes sobre corpo e sexualidade. *Rev Bras Enferm* 2002; 55 (5):528-34.
19. Costa DDG, Lunardi VL. Enfermagem e um processo de educação sexual com adolescentes de uma escola pública. *Rev Texto Contexto Enferm* 2000; 9(2): 46-57.
20. Jesus MCP, Machado VAR, Melo FF, Fonseca SR. Educação sexual na escola: experiência de docentes e acadêmicas de enfermagem com adolescentes, pais e professores. *Rev Texto Contexto de Enferm* 1999; 8(1):357-71.
21. Freller CC. Pensando com Winnicott sobre alguns aspectos relevantes ao processo de ensino e aprendizagem. *Psicologia USP* 1999; 10(2):189-203.
22. Winnicott DW. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes; 1987.
23. Freire P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15^aed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2000.

24. Wagner AR. Introdução. In: Schutz A. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar; 1979.
25. Barroso MGT, Vieira NFC, Varela ZMV, Amorim RF, Catrib AMF, Pordeus AMJ. Educação em saúde no contexto da produção humana. Fortaleza: Demócrito Rocha; 2003.

Endereço para correspondência:

Valdicleibe Lira de Amorim.
Rua Matos Vasconcelos, 1358 Apt. 403 Bl. 03, Damas.
CEP:60426-110 - Fortaleza-CE
E-mail: valdeoros@yahoo.com.br